

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Allan Dwan

9 e 11 de Dezembro de 2021

A MODERN MUSKETEER / 1917

um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / **Argumento:** Allan Dwan a partir do romance *D'Artagnan of Kansas* de E. P. Lyle Jr. / **Direcção de Fotografia:** Hugh McClung, Harris Thorpe / **Montagem:** William Shea / **Interpretação:** Douglas Fairbanks (Ned Thacker of Kansas), Marjorie Daw (Elsie), Kathleen Kirkham (Mrs. Dodge), Eugene Ormonde (Forrest Vandeteer), Mrs. Thacker (Edyth Chapman), Tully Marshall (James Brown), Frank Campeau (Chin-de-dah, Navajo), Zasu Pitts.

Produção: Douglas Fairbanks Pictures Corporation para a ArtCraft Pictures (Estados Unidos) / **Cópia:** em DCP, preto e branco (tintada), mudo, com intertítulos em inglês, legendados electronicamente em português / **Duração:** 69 minutos / **Estreia comercial:** 30 de Dezembro de 1917, Estados Unidos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Aviso: Na sessão de dia 9, **A Modern Musketeer** será exibido com o acompanhamento musical da própria cópia.

A sessão de dia 11 será acompanhada ao piano por João Paulo Esteves da Silva

Em **A Modern Musketeer** Douglas Fairbanks encontra um papel verdadeiramente à sua medida. Conhecido por ter “descoberto” Lon Chaney ou Ida Lupino, entre 1916 e 1918 o actor que mais influenciará Allan Dwan é Douglas Fairbanks. Juntos farão inúmeros filmes, e esta colaboração fará sobressair o melhor de cada um deles. Como escreveu David Robinson no seu artigo *Le maître du cinema muet*, “a série de filmes que fazem juntos neste período representa o primeiro conjunto coerente na obra do cineasta que subsiste até hoje”. Dwan reclamaria ter ajudado Fairbanks a libertar-se dos seus hábitos teatrais para encarnar a quintessência do cinema e Fairbanks oferecia a Dwan a “personalidade de uma sedução única no ecrã: o americano ideal, fioso e portador de um optimismo sem igual”. No seu primeiro filme conjunto na produtora Triangle, **The Habit of Happiness**, Fairbanks interpretaria o papel de um jovem que acreditava nas virtudes terapêuticas do riso. Em 1917, gozando da sua grande influência no meio cinematográfico, Fairbanks montou a sua primeira companhia, a Douglas Fairbanks Pictures Corporation e foi com ela que produziu **A Modern Musketeer**. Dois anos depois seria um dos quatro produtores que formariam a United Artists (com Mary Pickford, Charles Chaplin e D. W. Griffith).

É inegável que Fairbanks representa um papel determinante num filme que tira todo o pleno partido da sua fisicalidade e sentido cómico, uma obra que, cruzando vários géneros se afirma pela genialidade do burlesco e da comédia, género que Dwan frequentemente afirmou ser o seu preferido. A agilidade física de Fairbanks é constantemente convocada num filme que assenta em proezas sucessivas, da descida de postes, à subida de um campanário, no melhor estilo acrobático do actor nesta que é a primeira adaptação muito livre por Dwan de Alexandre Dumas ao cinema.

Dwan partiu de *D'Artagnan of Kansas* escrito por E. P. Lyle, Jr. para o transformar, como o fará alguns anos depois com *Os Três Mosqueteiros* de Dumas, numa outra adaptação. E é D'Artagnan/Dumas que, juntamente com um ciclone que teria presidido ao nascimento do protagonista que justifica a personalidade de Ned Thacker of Kansas (Fairbanks). É brilhante a sequência do ciclone que varre o Kansas no seu nascimento, que nos oferece um conjunto de planos magníficos em que se impõe o vento, e a sua conversão numa equação que justifica o “espírito” do herói, em que D'Artagnan + Ciclone iguala a velocidade, como 2+2 são 4. O humor que transparece nos cartões do filme é brilhante, traduzindo-se em alguns diálogos maravilhosos em termos de efeito cómico, como aquele em que Ned pergunta à mãe da protagonista se ela quer que a filha case com um macaco, ou quando responde à pergunta da segunda se “ela o verá no hotel”.

Mas se Fairbanks é a personagem central de **A Modern Musketeer**, a outra será o Grand Canyon, o magnífico cenário natural para onde toda a equipa terá sido conduzida (assim como o filme) para que Fairbanks pudesse afastar-se de um conjunto de complicações amorosas. As imagens de Fairbanks pendurado à beira do precipício são de cortar a respiração, como o são aquelas em que o casal olha a paisagem natural, que o miniaturiza (como acentuam aliás os intertítulos).

Este é um filme de belíssimas paisagens naturais, que assim vão ao encontro de uma das grandes predilecções de Dwan que, na sua entrevista de 1964 a Simon Mizrahi (que publicaremos em breve) reafirma o quanto gostava de filmar em exteriores. Jean-Claude Biette assinalava também isso mesmo num texto que dedicou a Dwan, ao afirmá-lo simultaneamente como um “grande narrador” e como um “grande poeta do espaço”. E é a filmar essa magnífica relação entre espaço e personagens que Dwan usa exemplarmente os recursos do cinema, do grande plano (o rosto de Zasu Pitts, a vizinha do Kansas) aos magníficos planos gerais, passando pelos quadros dentro do quadro que se adequam à realidade representada – o rectângulo horizontal quando filma a sequência do cavalo que se coloca à frente do carro e o rectângulo vertical da grande falésia –, ou pelo ritmo a que se sucedem os planos e o modo como entre eles se inscrevem os intertítulos.

Um filme que afirma como admirável no contexto da vasta filmografia de Dwan enquanto o grande manipulador e poeta do espaço, que aqui é constantemente exaltado em momentos que, também pela interação física de Fairbanks com o décor em que se inscreve, nos revelam a proximidade do cinema de Dwan com outro grande poeta do espaço que foi Buster Keaton.

Joana Ascensão